
RESENHA - CENA DO CRIME. VIOLÊNCIA E REALISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Maurício Pedro da Silva⁴¹

SCHOLLHAMMER. Karl Erik. *Cena do crime. Violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

Estudioso atento da produção literária brasileira contemporânea, Karl Erik Schollhammer busca, neste livro, aprofundar as incontáveis relações entre a literatura e a violência, num sentido lato, presentes em nossa sociedade.

O autor começa afirmando que, diferentemente das áreas jurídica, sociológica, psiquiátrica e outras, a literatura e a arte exprimem aspectos distintos da violência, esse "elemento enigmático e fugidivo presente tanto na dor que ela produz quanto na brutalidade cega e irracional do ato violento" (p. 8). Daí a intenção do livro de analisar a presença da violência e do crime nas artes e na literatura brasileiras.

Assim, o autor começa estudando a arte da mineira Rosângela Rennó (especialmente seu trabalho intitulado *Apagamentos*), em que a *cena do crime* surge como elemento fundamental para a compreensão da relação contemporânea entre o real e a história; passando para o estudo da violência na produção artístico-cultural e literária atual, onde, segundo o autor, ela assume a condição de uma *mercadoria de valor*, explorada de várias maneiras pelos meios de comunicação de massa, e de agente importante nas dinâmicas sociais e culturais brasileiras. Nesse sentido, afirma, é preciso "reconhecer os objetos estéticos da violência na sua relação com o processo geral de

⁴¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura Brasileira pela de São Paulo. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho. E-mail: maurisol@gmail.com

simbolização da realidade social, já que participam de maneira vital e constitutiva dessa mesma realidade" (p. 42). Assim, sem querer explicar o fenômeno da violência no Brasil, nem empregá-la como elemento caracterizador da cultura brasileira e definidor e intrínseco da identidade nacional, seu propósito é "sugerir que a representação da violência manifesta uma tentativa viva na cultura brasileira de interpretar a realidade contemporânea e de se apropriar dela, artisticamente, de maneira mais 'real', com o intuito de intervir nos processos culturais" (p. 43).

Apresentando um amplo painel da representação dessa violência na cultura e literatura brasileiras, o autor lembra que, nos anos 60 e 70, ela é considerada o resultado negativo de um milagre econômico e do entusiasmo desenvolvimentista brasileiros, além de vir associada ao golpe de 1964; a cultura da época lida com essa realidade de maneira complexa, optando, por exemplo, por interpretá-la por meio da *alegoria* da oposição ao regime antidemocrático, como comprovam os trabalhos, no âmbito das artes plásticas, de um Rubens Gerchman ou um Hélio Oiticica e, no âmbito do cinema, os filmes de Rogério Sganzerla, Antônio Carlos Fontoura ou Glauber Rocha, todas elas obras que denunciavam a violência do Estado autoritário; na literatura, a violência era representada principalmente pelo neorrealismo jornalístico (Aguinaldo Silva, José Louzeiro) e pelo "brutalismo" (Rubem Fonseca), já que "a ficcionalização literária da época pode ser compreendida em termos de ressimbolização da violenta realidade emergente dos confrontos sociais no submundo das grandes cidades" (p. 56). Já nos anos 80 e 90, a violência adquire um outro perfil nas grandes cidades, com sua banalização, como revelam o romance *O matador* (1995), de Patrícia Melo, e *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins; com a questão dos sistema carcerário, apresentada em *Estação Carandiru* (Dráuzio Varela), *Memórias de um sobrevivente* (Luiz Alberto Mendes), *Sobrevivente André do Rap* (organizado por Bruno Zeni), *Diário de um detendo* (Jocenir) e outros; no âmbito do cinema, essa nova realidade surge expressa em filmes de Sérgio Rezende (*Guerra de Canudos*, 1997), de Murilo Salles (*Como nascem os anjos?*, 1996), Walter Salles (*Central do Brasil*, 1998) etc. Já nos anos 2000, a violência atinge formas extremas, em filmes e documentários como *Última Parada 174* (Bruno Barreto, 2002), *Tropa de Elite* (José Padilha, 2008) e *Falcão: meninos do tráfico* (2006). Contemporaneamente, Schollhammer aponta a ocorrência de "novas experiências interativas e participativas" (p. 97) entre artistas, pesquisadores, ativistas e moradores de comunidades excluídas, resultando em obras que expressam novas maneiras de engajamento na realidade e articulam "práticas que redefinem as fronteiras rígidas entre a produção, expressão, performance e recepção artística e literária" (p. 98).

O autor lembra ainda que a literatura utiliza o imaginário despertado pela violência como matéria-prima, já que a violência está presente na cosmovisão do brasileiro e pode ser uma chave

para entender sua cultura. Assim, ela está presente não apenas como tema literário, mas também na forma como a escrita é trabalhada nos textos. Isso, em parte, é resultado do fato de que "a violência aparece ligada como emento fundador da cultura nacional, e a literatura, além de participar na simbolização da violência, procura nela um veículo para uma experiência criativa que explora e transgride os limites expressivos da escrita literária" (p. 112). Nesse contexto, o autor lembra que a narrativa das últimas décadas do século XX estabeleceu uma outra relação com a realidade urbana, procurando ressimbolizar essa mesma realidade. E completa: "É nesse sentido que entendemos a procura de uma realidade suprarreal (o transrealismo) na narrativa contemporânea. O problema da representação contemporânea não está na escolha do objeto fascinante da violência, mas na falta de capacidade de expressá-lo de modo suficientemente 'real', quer dizer, simbolicamente redentor" (p. 126). Essa verdadeira tensão entre a cidade como *dispositivo disciplinador* e a desordem que resulta da interação humana pode ser percebida na ficção de um João Gilberto Noll, de um Rubem Fonseca ou de um Sérgio Sant'Anna.

Analisando a questão do realismo na literatura, o autor procura discutir essa relação como uma "estranha combinação entre representação e não-representação" (p. 156), que se insere, no contexto do século XXI, à ideia de uma "crise e [...] questionamento do conceito de representação" (p. 158). Com base na teoria de Hal Foster, o autor afirma que uma das formas como o realismo se manifesta nas artes, pelo menos a partir da década de 1990, é relacionado ao evento do trauma (*realismo traumático*), ultrapassando, portanto, o realismo percebido como modelo *referencial* (imagens e signos ligados a um referente) e modelo *simulacral* (imagens como representação de outras imagens) da realidade. O *realismo traumático* seria referencial e simulacral ao mesmo tempo, criando imagens conectadas e desconectadas da realidade. A teoria de Mario Perniola, por sua vez, procura ultrapassar até mesmo essa noção mais avançada de realismo traumático, propondo um realismo extremo, o *realismo psicótico*. Além dos modelos citados, Schollhammer propõe ainda a ideia de um *realismo indexal* (a utilização de imagens, por exemplo, em meio a romances como *Capão Pecado* (Ferréz), *Treze* (Nelson de Oliveira), *Angu de Sangue* (Marcelino Freire) ou *Nove Noites* (Bernardo Carvalho); e de um *realismo performático*, em que se ressaltam aspectos performáticos da escrita literária, como se verifica em Luiz Ruffato.

No que diz respeito à relação da violência com a escrita, especificamente, o autor analisa como a violência "se expressa por meio da escrita" (p. 224), abordando autores (como André Sant'Anna, Luiz Ruffato e João Gilberto Noll) em que ocorre "uma suspensão da diferença arbitrária entre forma e conteúdo, não como efeito da banalização redundante entre o representado e suas formas, mas como resultado de um desdobramento contrapontual que permite à potência

real da própria expressão confundir a expressão da realidade com a realidade da expressão" (p. 239). Dando continuidade a essa discussão, o autor aprofunda sua reflexão sobre o conceito de *literatura menor* (de Deleuze e Guattari), associando-o a uma ideia de *língua menor*; sobre o conceito de *contemporâneo* (de Giorgio Agamben); bem como sobre o conceito de *performance* na ficção literária.

Recebido em 15/05/2018.

Aceito em 20/07/2018.